

A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina: o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral

The Roundtable of Santiago de Chile and the Development of Latin America: the role of the Science Museums and the Integral Museum

Luciana Christina Cruz e Souza¹

DOI 10.26512/museologia.v9i17.30109

Resumo

O presente artigo analisa a Mesa Redonda de Santiago do Chile a respeito do tema do desenvolvimento e da modernização da América Latina, considerando a interpretação feita sobre o papel dos museus nesse processo. Percebemos um expressivo esforço em associar os museus ao desenvolvimento da região através da ciência e tecnologia, voltados à superação do que se considerava o "subdesenvolvimento latino-americano". Por outro lado, vemos a criação de um modelo conceitual de museu, o Museu Integral, que anunciava novas possibilidades de atuação, sugerindo uma potência de enfrentamento dos efeitos negativos do desenvolvimento, este associado às ideias de "progresso" e de "modernização".

Palavras-chave

Mesa Redonda de Santiago do Chile. Museus de Ciências. Museu Integral. Desenvolvimentismo. América Latina

Abstract

This article analyzes the Roundtable in Santiago de Chile on the theme of development and modernization in Latin America, considering the interpretation made on the role of museums in this process. We noticed a significant effort to associate museums with developmentalism through science and technology, aimed at overcoming what was considered "Latin American underdevelopment". On the other hand, we see the creation of a conceptual model of a museum, the Integral Museum, which announced new possibilities for action, suggesting a potential to face the negative effects of development, this associated with the ideas of "progress" and "modernization".

Keywords

Roundtable of Santiago de Chile. Science museums. Integral Museum. Development. Latin America

Apresentação

A Mesa Redonda de Santiago do Chile permanece como um dos eventos internacionais marcantes para os museus e para a história da Museologia, seja pelo protagonismo latino-americano, seja pela tônica dos debates ali traçados ou pela ressonância política e epistêmica para o campo de maneira global. Contudo, o tema parece carecer de pesquisas que se debrucem com afinco em fontes documentais, relatos e relatórios, ainda que muito tenha se escrito sobre o evento enquanto referência internacional daquilo que se convencionou chamar de "Nova Museologia"².

1 Pesquisadora doutora - bolsista PCI do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Investigadora Colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória" (CITCEM)/FLUP Porto - Portugal. E-mail: luciscsouza@gmail.com

2 Na literatura especializada é comum se observar referências à Nova Museologia como um novo rumo de abordagens teóricas e práticas da Museologia munidas de interpretações a respeito do compromisso e função social do museu. As influências das discussões latino-americanas podem ser observadas em posteriores convenções do Conselho Internacional de Museus (Icom) e no Movimento Internacional por uma Nova Museologia (MINoM), principalmente a partir da década de 1980, os quais acabaram por inspirar museus em diferentes regiões do mundo. O presente artigo, contudo, não tem como objetivo discorrer sobre a Nova Museologia e as diferentes leituras da mesma enquanto movimento político, como vertente

Popularmente conhecida como Mesa Redonda de Santiago do Chile³, o evento, realizado em 1972 na capital chilena⁴, ficou registrado como uma “Mesa redonda sobre el desarrollo y la importancia de los museos en el mundo moderno”⁵ (IBRAM, 2012a: 15), sendo marcado por debates em torno da responsabilidade social do museu, de sua função sobre o território e do seu dever de estabelecer interlocuções com a comunidade. Sua organização ficou sob a responsabilidade da Divisão de Museus da Unesco, em parceria com o Icom⁶, e teve como foco temático a discussão das especificidades sociais, políticas e culturais de países latino-americanos. Realizada entre 20 e 31 de maio de 1972, a Mesa contou com a participação de especialistas provenientes da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, México, Panamá, Peru e Uruguai (IBRAM, 2012a).

Para discutir uma possível ambiguidade percebida na Mesa Redonda de Santiago do Chile a respeito do papel dos museus frente ao desenvolvimento da América Latina, o presente artigo apresenta três planos de leitura: o primeiro, voltado às características gerais da Mesa, incluindo seu contexto de realização e as principais ideias evocadas pelo evento em relação ao “Museu Integral”; o segundo, por sua vez, volta-se à interpretação das fontes em suas referências ao tema do desenvolvimento da América Latina⁷, e como a ciência e tecnologia são evocados como elementos ligados a noções de “progresso” e “modernidade”; por fim, o terceiro plano trata especificamente do que compreendemos como ambiguidade no papel dos museus frente ao contexto de desenvolvimento, indicando interpretações que remetem tanto à função de colaboradores do progresso - através dos museus de ciências - quanto ao lugar de resistência aos problemas gerados pelo desenvolvimentismo - por meio do modelo de Museu Integral.

O artigo toma como referência outros textos dedicados à reflexão sobre a Mesa Redonda de Santiago do Chile⁸ e também discussões travadas no

epistêmica ou corrente ideológica. Para um breve panorama das diferentes interpretações, críticas ou desdobramentos acerca do tema, ver: Cândido (2003); Duarte (2013); Scheiner (2012); Lima (2015); Moutinho (1993; 2015).

3 Denominação presente nos documentos oficiais do evento.

4 A Mesa Redonda de Santiago do Chile foi realizada durante o governo de Salvador Allende, eleito democraticamente em 1970 pela União Popular (UP) - a partir de uma coalizão de esquerda composta pelos partidos Comunista (PC) e Socialista (PS), pelo Partido Social Democrata (PSD), a Ação Popular Independente (API) e o Movimento de Ação Popular Unificado (Mapu) (Aggio, 2008). O golpe de Estado no Chile que levou Augusto Pinochet ao poder ocorreu no ano seguinte, impondo um governo militar e ultra liberal durante 17 anos sob apoio estadunidense, e protagonizando denúncias de mortes, desaparecimentos, exílios e torturas de opositores políticos.

5 “Mesa Redonda sobre o desenvolvimento e a importância dos museus no mundo moderno”.

6 Importa mencionar o relato de Hugues de Varine (IBRAM, 2012a) sobre o contexto de realização do evento no Chile sob o ponto de vista do Icom. Segundo Varine, em 1971, o ICOM havia realizado na França uma Conferência Geral onde se reviu estatutos e a definição de museu. Ali, conforme relata, foi possível perceber a emergência do debate sobre a dimensão política do museu e sobre sua vocação, com destaque para a intervenção de Mario Vasquez, do México. Ainda naquele ano, a UNESCO solicitou ao ICOM que organizasse um evento que abordasse o papel dos museus na América Latina contemporânea, dando continuidade a uma série de seminários regionais que já haviam sido realizados, por exemplo, no Rio de Janeiro (1958), em Jos (Nigéria, 1964) e em Nova Déli (1966) (Idem).

7 Importa esclarecer a noção de América Latina operacionalizada no presente texto. Considera-se, aqui, que a ideia dialética de território (Silva, 2015) - onde os aspectos natural, econômico, político e cultural se inter-relacionam em múltiplas formas de existência que se confrontam e se (re)criam por meio de suas contradições - é consoante à materialidade histórica do processo de colonização. Este, por sua vez, forja as divisões visíveis sugeridas por Boaventura Sousa Santos (2010) referentes às fronteiras dos Estados nacionais: linhas literais que materializam o controle sobre a vida de populações e sobre a terra, reafirmando o sentido de Nação enquanto uma comunidade socialmente construída e imaginada (Anderson, 2008). A América Latina é interpretada aqui como protagonista subalterna da formação do fenômeno da Modernidade a partir da colonização (Dussel, 2005), revelando-se produto, então, de uma conformação moderno-colonial (Porto-Gonçalves, 2005).

8 Ver: Souza (2018b; 2020)

A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina:
o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral

âmbito da pesquisa “A Construção e a Formação de Coleções Museológicas - O Estudo da Coleção de Energia Nuclear do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)”, coordenado pelo professor e pesquisador Márcio Ferreira Rangel no âmbito da Coordenação de Museologia do MAST. Tal pesquisa vem se aprofundando nos debates acerca do nacional-desenvolvimentismo brasileiro e no papel dos museus de ciência e tecnologia neste referido processo, o que esbarra, entre outras coisas, em demandas e diagnósticos traçados pela Mesa Redonda de Santiago do Chile em relação ao continente por uma articulação entre museus e uma determinada noção de desenvolvimento e progresso, tema que diz respeito ao processo de industrialização e urbanização de diferentes territórios na América Latina.

Sobre a Mesa Redonda de Santiago do Chile, a principal referência documental do evento encontra-se numa publicação produzida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em parceria com o Programa Ibermuseus, com o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), o Departamento de Bibliotecas, Arquivos e Museus do Chile e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Este material foi publicado no ano de 2012, ocasião em que se comemorava o 40º aniversário de realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile, e reúne documentos relacionados ao evento e entrevistas com participantes. Tal publicação apresenta-se em dois volumes e até o presente momento mostra-se como a maior coletânea de fontes primárias traduzidas em português (brasileiro), espanhol, francês e inglês. O volume II da publicação apresenta, ainda, a tradução da Revista *Museum*, de n.3, publicada em 1973. Esta Revista oferece leituras sobre o evento realizadas pelos próprios participantes e organizadores um ano após a reunião em Santiago, disponibilizando um breve balanço dos debates e sugerindo perspectivas diferenciadas sobre as resoluções negociadas e registradas no documento que ficou conhecido como Declaração de Santiago.

A Mesa Redonda de Santiago do Chile: um contexto peculiar

A Mesa Redonda de Santiago foi realizada no Chile num contexto de reorganização dos museus chilenos por meio do Departamento de Bibliotecas, Museus e Arquivos. Contou com a presença de representantes de diferentes categorias de museus e de instituições culturais ligadas à arte, às ciências humanas e sociais, às ciências exatas e naturais ou à tecnologia avançada (Valente, 2009). Tais representações se deram por meio de curadores e diretores de museus, representantes de institutos culturais, e representantes do poder público ligados à área de patrimônio e museus; sendo a representação do Brasil protagonizada pela museóloga Lygia Martins Costa, ligada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), responsável pelo setor de bens móveis e integridades.

Segundo relatos de Hugues de Varine (IBRAM, 2012a), originalmente a intenção dos organizadores do evento era de que o mesmo fosse presidido por Paulo Freire - educador brasileiro, natural de Pernambuco e já conhecido por trabalhos e publicações relacionados a programas de alfabetização na América Latina. Aparentemente, Freire chegou a aceitar o convite realizado por Varine⁹

⁹ Varine menciona uma certa proximidade com Paulo Freire naquela conjuntura por meio do Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (Inodep), entre 1971 e 1974. Por esse contato com suas ideias e experiências que Varine teria estendido o convite de participação ao educador (Varine *apud* Chagas, 1996).

para debater suas ideias e métodos no contexto de discussões sobre práticas museológicas e museográficas (Varine *apud* Chagas, 1996), contudo a participação do educador na Mesa foi oficialmente vetada por um delegado brasileiro da Unesco. Ainda assim, Varine interpreta que o evento procurou manter a tônica das reflexões freirianas em torno do papel dos museus em relação às especificidades sociais, econômicas e políticas da América Latina.

Para tanto, especialistas do campo da Arquitetura, da Engenharia, da Educação e da Geologia foram convidados como conferencistas, mobilizando informações e reflexões que fugiam ao universo dos debates técnicos de profissionais de museus. Segundo Varine (1995), as reflexões suscitadas deram prosseguimento às provocações sobre o papel social dos museus - colocadas anteriormente na 9ª Conferência Geral do Icom realizada em Grenoble, França, em 1971 - e possibilitaram que os demais participantes refletissem sobre os museus não apenas numa perspectiva cultural, mas também sob o ponto de vista das relações socioeconômicas, que envolviam, entre outras coisas, os processos de migração, a urbanização desordenada, a concentração de terras, o analfabetismo, a precarização do trabalho, entre outras questões referenciadas como “problemas ocasionados pelo desenvolvimentismo”.

Nesse contexto de ideias e provocações que se concluiu a necessidade de os museus afirmarem-se como “fator de mudança social” (IBRAM, 2012a: 123), assumindo uma sensibilização interdisciplinar sobre as necessidades das comunidades e sobre os problemas específicos em nível local, regional e internacional. É então que surgem duas expressões no evento: “Museu Integrado” e “Museu Integral”. Ainda que momentaneamente mencionadas nos documentos como se tivessem o mesmo sentido, importa pontuar, contudo, que a segunda expressão aparece de forma mais contundente ao final do evento, sugerindo um novo modelo conceitual de museu mobilizado para maior integração à comunidade, em resposta a um suposto distanciamento dos museus tradicionais em relação às assimetrias econômicas e sociais vivenciadas pela América Latina a partir do processo de colonização.

Nessa perspectiva, as Resoluções da Mesa – consolidadas na Declaração de Santiago - mostram que a ideia de Museu Integral mobilizada na ocasião consideraria uma realidade de “[...] desequilíbrio entre os países que alcançaram um alto nível de desenvolvimento material e aqueles que continuam à margem do desenvolvimento, relegados ao esquecimento ao longo da história” (Idem: 116). Por essa leitura, demandava-se uma nova postura por parte dos museus, os quais deveriam ter uma “compreensão global” dos territórios, uma “abordagem integrada” que não se limitasse a uma ciência ou disciplina, mas que ressaltassem o desenvolvimento antropológico, socioeconômico e tecnológico da América Latina (Idem).

O tema do desenvolvimento na Mesa Redonda de Santiago do Chile a partir da ciência e da tecnologia

As poucas fontes disponíveis em português apresentam relatórios de discussões marcadas pelas questões econômicas e sociais a partir de preocupações sobre o desenvolvimento e modernização da América Latina e a relação dos museus nesse processo. Uma leitura atenta da transcrição das conferências e debates permite interpretar que tais documentos não se trataram de transcrições *ipsis-litteris* das falas dos participantes, mas de interpretações registradas por uma espécie de relatoria. Contudo, os documentos não explicitam tal con-

dição e não mencionam a identidade desse possível relator.

Nesse sentido, não há qualquer indicativo de que os termos e as ideias registrados nessas fontes correspondam de fato ao que foi falado e negociado nas arenas de debates ao longo do evento. Ainda assim, podemos perceber uma mobilização de ideias em torno de uma possível/desejável conciliação entre desenvolvimento e justiça social por meio dos museus, com destaque para os museus de ciência.

Importa ressaltar que a Declaração de Santiago definiu o museu como “instituição permanente a serviço da sociedade que adquire e, sobretudo, expõe para fins educacionais, culturais e de estudo, temas representativos da evolução natural e humana” (IBRAM, 2012b: 202). Desta declaração chama a atenção a expressão “evolução natural e humana”, a qual sugere uma concepção linear de tempo comumente operacionalizada como referências de “progresso” e de “desenvolvimento”, considerando uma existência social balizada em critérios etnocêntricos. À luz de uma literatura pós-colonial¹⁰, poderíamos apontar que tais expressões sugerem uma espécie de evolucionismo cultural, político e econômico, o que poderia desconsiderar as relações de subordinação e dependência produzidos a partir da experiência da colonização. Tal ponto de vista acabaria por favorecer uma abstração sobre o papel da ciência e tecnologia na exploração da natureza, dos recursos, do espaço e dos territórios (Lander, 2005) – dimensão constitutiva da experiência histórica de regiões colonizadas que foram introduzidas à dinâmica do desenvolvimentismo.

Percebe-se que os termos “progresso” e “desenvolvimento” acabam mobilizados para uma noção linear de tempo, que tratam como Modernidade uma etapa evolutiva da história social tomando como referência a Europa - e acontecimentos históricos como a Reforma, a Ilustração, a Revolução Francesa e as conformações europeias do capitalismo (Dussel, 2005).

Nesse sentido, importa esclarecer que o presente artigo se refere à noção de “Modernidade” a partir de perspectivas pós-coloniais que a interpretam como um fenômeno econômico, político e sociocultural estabelecido com o resto do mundo desde a expansão marítima do século XV e a colonização da América, o qual reproduziu a base da acumulação originária de capital – a exploração de matéria-prima – e fez emergir o capitalismo na sua lógica mundial (Quijano, 1988, 2005; Mignolo, 2008). Essa é a base conceitual com a qual podemos interpretar algumas falas e algumas ideias mobilizadas na Mesa Redonda de Santiago do Chile.

Conforme os documentos, o evento foi sistematizado em quatro temas a partir dos quais foram ministradas palestras e realizaram-se debates. Sendo

10 Chamamos de matriz teórica “pós-colonial” um amplo e diversificado conjunto de autores e autoras que assumem as experiências da colonização como o centro de interpretação da realidade política, econômica e cultural de diferentes territórios. Tal repertório vem sendo investigado com afinco pela pesquisadora Luciana Ballestrin (2013; 2014a; 2014b), que identifica ao menos três fases do pós-colonialismo cujos escritos não revelam ideias únicas e uniformes. De acordo com a autora, essas três fases poderiam ser assim discriminadas: trabalhos ligados ao anticolonialismo revolucionário, envolvidos com as lutas de libertação nacional e com os movimentos de independência, produzidos principalmente por intelectuais, ativistas e lideranças latino-americanas, africanas e europeias (sobretudo, franceses), sendo elas Amílcar Cabral, Che Guevara, Frantz Fanon, Ho Chi Minh, Jean-Paul Sartre, Aimé Césaire e Albert Memmi, entre outros; escritos pós-coloniais “canônicos”, fortemente influenciados pelos estudos pós-estruturais, pós-modernos, desconstrutivistas, culturais e subalternos indianos, mobilizados em reflexões acerca das fraturas subalternizadas de classe, gênero e raça, tendo nomes expoentes como Edward Said, Gayatri Spivak, Stuart Hall, Homi Bhabha, entre outros; e por fim uma terceira fase popularmente conhecida como “decolonial”, desenvolvida a partir de uma rede heterogênea de investigação chamada Modernidade/Colonialidade (M/C) que procurava recuperar as contribuições latino-americanas no debate do pós-colonialismo, inserindo a América Latina no centro da reflexão e radicalizando a crítica à Modernidade e ao eurocentrismo, cujos escritos foram produzidos por pesquisadores como Walter Mignolo, Ramón Grosfoguel, Nelson Maldonado-Torres, Catherine Walsh, Santiago Castro-Gómez, Eduardo Restrepo, Arturo Escobar – sem esquecer dos já clássicos Aníbal Quijano, Enrique Dussel e mesmo Immanuel Wallerstein (Ballestrin, 2014b: 6-7).

eles: 1) Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola, designado a Enrique Enseñat, engenheiro da Faculdade de Agronomia da Universidade do Panamá; 2) Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico, debatido por Mario Teruggi, chefe da Divisão de Mineralogia e Petrologia do *Museu de la Plata* na Argentina; 3) Os museus e os problemas sociais e culturais, discutido por Jorge Hardoy, arquiteto do *Instituto Di Telia* na Argentina; 4) Os museus e a educação permanente, provocado por César Picón Espinoza, Diretor de Educação Escolar e Geral do Ministério da Educação do Peru.

São principalmente através de declarações de participantes e palestrantes que podemos observar o debate sobre o desenvolvimento latino-americano, a destacar a figura de Mário Teruggi, cuja posição de docente e chefe da Divisão de Mineralogia e Petrografia do Museu de Ciências Naturais de La Plata - e sua passagem pelo Museu de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia de Buenos Aires como diretor - o levam a discutir o papel dos museus de ciência na América Latina. Teruggi não apenas foi um dos conferencistas convidados como também ficou responsável por discorrer sobre sua memória do evento, como um todo, na publicação da Revista *Museum* em 1973 - enquanto os demais se dedicaram a registrar suas conferências circunscritas aos temas designados.

Maria Esther A. Valente (2009) igualmente percebe a expressividade de Teruggi no evento, o que parece proporcionar ao argentino uma posição de porta-voz sobre a relação entre desenvolvimento e museus de ciências:

No encontro de 1972, sublinha-se o comprometimento do *Museo de Historia Natural de Chile*. A este, junta-se a presença de Mario Teruggi, geólogo do *Museo de Historia Natural de La Plata*, na Argentina, cuja forte participação se fez como porta-voz da temática relativa ao tópico que abordou as questões da ciência e da tecnologia. Pode se lembrar ainda que o especialista argentino esteve também presente no encontro de 1958, representando seu país. (Valente, 2009: 76)

Os apontamentos de Teruggi parecem assumir particular contundência na revista, e ali este referido pesquisador narra particularmente com afinco o posicionamento dos participantes em relação ao processo desenvolvimentista, reificando o papel dos museus de ciências no processo inexorável do avanço científico e tecnológico.

Nas memórias de Teruggi, narradas através da Revista *Museum*, os debates realizados na Mesa de Santiago expressaram um suposto consenso a respeito de um possível dever dos museus latino-americanos em cooperar para o desenvolvimento da América Latina pela via da ciência e tecnologia. Os museus de ciência e tecnologia seriam instrumentos eficazes ao “progresso”, os quais, segundo ele, infelizmente não teriam se desenvolvido na América Latina em razão da insuficiência de recursos econômicos, subdesenvolvimento industrial, burocracia, falta de interesse das autoridades, entre outras razões.

Valente (2009), ao analisar o evento, discorre sobre a fala de Teruggi e sobre a categoria “museus de ciência e tecnologia” operacionalizada nos relatos do pesquisador publicados pela Revista *Museum*. De acordo com a autora, é preciso destacar a amplitude deste termo, dada a variedade de possibilidades de arranjos museológicos, que podem enquadrar, num sentido mais amplo, “todos” os museus de ciências naturais, os de indústria, os ecomuseus, os centros interativos - que se denominam museus - etc. Nesse universo de investigação, Valente se refere a instituições que contribuíram para impulsionar o setor de ciência

A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina:
o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral

e tecnologia, e nessa perspectiva, interpreta a Mesa Redonda de Santiago do Chile como um evento que se referia a tais museus como elementos inseridos na política econômica desenvolvimentista. Para tanto, recorre às falas de Mário Teruggi que atribuem a tais instituições a função de “instruir o povo” e libertá-lo da pobreza e da “ignorância” por meio da ciência e tecnologia.

Aqui cabe mencionar a pesquisa de Janaína Furtado (2016) sobre o papel representativo da coleção científica em museus de ciências, considerando o entrelaçamento da ciência com a indústria. Ao tomar como exemplo a coleção de objetos de energia nuclear do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) - localizado no Rio de Janeiro, Brasil -, Furtado aponta para o papel do desenvolvimento científico a partir da ampliação das práticas de pesquisa, da criação de laboratórios e da criação de instrumentos utilizados em diferentes áreas - saúde, comunicações, militar, entre outras. Para a autora tal quadro se intensifica em três momentos: na Primeira Guerra Mundial (1914-1919), na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e no período da chamada Guerra Fria (sobretudo entre as décadas de 1950 a 1980), com destaque para o desenvolvimento da física nuclear e seus desdobramentos na política e na economia. Nesse sentido, é possível pensar em décadas de construção de uma cultura material das práticas científicas, práticas essas que acabam por reverberar no trabalho dos museus de ciências, seja na formação de coleções, seja na divulgação e promoção da ciência.

No caso dos museus de ciências, sobre a formação de coleções, Márcio Rangel (2011) nos lembra que o ato de colecionar “realça os modos como diversos fatos e experiências são selecionados, reunidos, retirados de suas ocorrências temporais originais” (Idem: 149) e recebem arranjos que remetem a uma temporalidade geralmente linear e irreversível. Para o autor, a formação de um determinado acervo é capaz, inclusive, de influenciar no modelo de instituição museológica a se formar num determinado contexto, o que vem a reverberar não apenas numa produção de memória, mas igualmente em pesquisas institucionais sobre a mesma, em soluções estéticas e pedagógicas, e até mesmo no próprio pensamento científico - considerando-o uma herança cultural com seus signos e símbolos próprios de um específico sistema de conhecimento.

Se por um lado Teruggi atribui aos museus de ciências a função de instruir e de libertar os povos da pobreza e da “ignorância”, por outro percebe-se que o pensamento funcionalista generalizava-se no evento, considerando os diagnósticos sobre a condição periférica da América Latina no capitalismo global. Os debates de Santiago apontavam para a necessidade de o museu estar integrado às questões que assolavam a região: das problemáticas que impediam o processo de desenvolvimento latino-americano - como a ausência em investimento em ciência e tecnologia -, até mesmo os efeitos do progresso sobre diferentes territórios.

A respeito deste último assunto, o palestrante Jorge E. Hardoy, então diretor de pesquisas do Centro de Estudos Urbanos e Regionais do Instituto *Torcuato Di Tella* de Buenos Aires, assim se referiu aos desdobramentos das demandas financeiras e tecnológicas de toda a indústria moderna:

A paisagem natural pode ser facilmente preservada e aprimorada pela mão do homem, se as medidas necessárias forem tomadas a tempo. Uma vez destruída, ela se torna praticamente irrecuperável ou, mais frequentemente, totalmente irrecuperável ou recuperável apenas a um alto custo. Florestas naturais são devastadas, morros são completamente destruídos ou perfurados por pedreiras, córregos são convertidos em bueiros, áreas costeiras, oceanos, baías e rios são arruinados pela exploração descontrolada que impede o

acesso para fins recreativos e os transforma em um visual cada vez mais desagradável. Ninguém parece prestar atenção à destruição da paisagem natural. (IBRAM, 2012a: 128)

O quadro traçado por Hardoy parece ter impactado os participantes do evento, conforme narrativas publicadas na Revista *Museum* em 1973. A intenção evocada era de sensibilizar o público sobre “os riscos decorrentes de se perturbar o equilíbrio biológico pela insistência do homem em promover modelos de desenvolvimento que não se harmonizam com a natureza, da qual ele faz parte” (Idem: 129). É dessa discussão que surge uma espécie de impulso para a tomada de uma nova postura por parte dos museus: algo integrado às demandas e problemas da sociedade, um museu indissociado de seu território. O impulso se torna, então, sugestão de um novo modelo conceitual: o Museu Integral.

Já nas declarações de abertura do evento, Raymonde Frin, diretor geral da Unesco na ocasião, assume a expectativa de que o encontro se concretizasse como uma oportunidade para se pensar soluções à integração dos museus ao desenvolvimento. De fato, nas resoluções aparecem menções sobre a “responsabilidade” dos museus na garantia do desenvolvimento científico, tecnológico e cultural, considerando-os um “meio de difusão dos progressos” (Idem: 115). Nesse sentido, é possível verificar diversas e diferentes menções à relação direta entre “desenvolvimento” e “progresso”, e em grande parte associadas à ciência e tecnologia.

Nesse sentido, retomando o posicionamento de Teruggi referente à Mesa de Santiago, mas publicado na Revista *Museum* no ano seguinte ao evento, o desenvolvimento científico e tecnológico estaria mudando o mundo num ritmo inexorável. Ele chega a afirmar que “os efeitos da tecnologia no desenvolvimento social foram claramente ilustrados no fato de a produção de bens de consumo estarem dobrando a cada dois anos” (IBRAM, 2012a: 131). Seria impossível ao museu ignorar ou escapar de tal aspecto da Modernidade, cabendo-lhe descobrir a melhor forma de se “lucrar com isso” (IBRAM, 2012b: 175). Dessa maneira, mostrava-se fundamental o investimento em bons museus de ciência e tecnologia, considerando que havia na América Latina uma predominância de temas humanísticos no mundo dos museus (Idem), e, “no campo da museologia, portanto, uma cultura predominantemente humanista não fornece uma base para a análise e a avaliação do desenvolvimento científico e tecnológico” (Idem). Teruggi, então, prossegue em seu discurso sobre o desenvolvimento da América Latina a partir da promoção da ciência e tecnologia:

É aqui que os museus – pelo menos alguns deles - podem contribuir e cooperar para uma conscientização nacional desses temas. Em muitas esferas governamentais na América Latina há uma crença de que ciência e tecnologia são itens de luxo, extravagâncias sem grande interesse ou importância, ônus que o Estado deve suportar magnanimamente, tal como suporta um número infinito de atividades culturais. Consequentemente, a menos que haja uma firme convicção em todos os níveis e em todos os países de que sem ciência e tecnologia é impossível desenvolver o potencial material do país, nenhum progresso será obtido e, se continuarem inertes, esses países ficarão ainda mais atrasados em relação àqueles que continuam a evoluir. (Idem: 176)

Uma possível ambiguidade: Museus de Ciências e Museu Integral no debate sobre desenvolvimento da América Latina

Por um lado, observamos na Mesa Redonda de Santiago do Chile a iniciativa de se (re)pensar o museu tradicional, formulando as bases do que ficaria registrado na Declaração de Santiago como Museu Integral - voltado à reflexão sobre os problemas ocasionados pelo “progresso”, presente em áreas até então não contempladas por tais equipamentos culturais, mais disponível para as demandas de uma população local, e afinado a problemas sociais, políticos e econômicos. Por outro, vemos a reificação dos esquemas desenvolvimentistas como estratégia de superação da condição periférica, tendo os museus de ciências o papel de promover o “progresso”, considerando a ciência e a tecnologia como essenciais para a superação da condição de subdesenvolvimento da América Latina (IBRAM, 2012a: 129).

Sob essa perspectiva, é possível perceber uma ambiguidade na Mesa Redonda que permite ser interpretada a partir da própria natureza do evento: um encontro que reuniu diferentes representantes institucionais de territórios distintos da América Latina - uma região que, segundo participantes do próprio evento, pouco dialogava entre si -, e que, por essa razão, assumia variadas perspectivas sobre o papel dos museus. Valente (2009) destaca a multiplicidade de discursos que traduziram as diferentes formas de ver e representar a realidade latino americana e as especificidades de cada país:

Fazia-se uso de vocabulário, parâmetros e conotações diversas que carregavam distintas visões de mundo, sendo proferidos por indivíduos de múltiplos lugares: do campo, dos laboratórios, da sala de aula, dos gabinetes de governo e dos museus. (Idem: 78)

Tal observação nos conduz à suposição de que as resoluções, recomendações e princípios básicos registrados na Declaração de Santiago não seriam necessariamente produto de consensos, mas talvez resultado de negociações internas de ideias conforme demandas do contexto, correlações de forças políticas e arranjos profissionais do campo.

Com base nesse ponto de vista, cabe destacar o posicionamento de Mário Teruggi na Revista *Museum* cerca de um ano após a realização do evento, onde o mesmo sugere a possibilidade de se abandonar a ideia de Museu Integral, o qual teria sido projetado numa perspectiva de futuro e considerado revolucionário por se afastar das linhas e limites tradicionais do museu. Pensando nos riscos de o museu assumir atribuições que não lhes cabiam diretamente, Teruggi reifica o dever de os museus cooperarem na “tarefa gigantesca de contribuir para o desenvolvimento da América Latina” (IBRAM, 2012b: 166), mas que isso não significaria abandonar dinâmicas e pensamentos a respeito do papel tradicional do museu: o objeto continuaria sendo o cerne das suas atividades, mas seria trabalhado de forma expandida e em relação à comunidade e ao ambiente, “o ponto de partida para uma reconstrução gigantesca, na qual continuaria a ser um elemento significativo e crucial” (Idem: 167).

Teruggi reconhece que as discussões da Mesa elencaram a possibilidade de se pensar um museu sem objetos, mas pontua que para ele tratava-se de propostas “sacrílegas” (Idem). A solução, ou desafio, segundo Teruggi, seria o museu abarcar o tema do ambiente humano e natural de forma ampliada, em seus inúmeros aspectos. A ampla tarefa exigiria, portanto, um trabalho multidisciplinar formado por um corpo diversificado de especialistas que trabalhassem

de maneira conjunta. Percebe-se aí o reforço ao modelo tradicional de museu que reificaria o papel do especialista no trato da memória - considerando, então, a permanência do trabalho com objetos e a formação de coleções tratadas como suportes de memória.

Aqui cabe lembrar a discussão elencada por Souza (2018a) sobre a construção da legitimidade do especialista - formado nos cursos universitários de graduação, pós-graduação e especialização, em cursos promovidos por outras variadas instituições de pesquisa, ou mesmo em cursos oferecidos por institutos, centros e laboratórios dedicados à preservação de bens culturais¹¹. Tal quadro, segundo a autora, parece indicar uma relação entre a especialização técnica no trato da memória e novas formas de exploração do território, numa dinâmica que faz aparecer uma dupla face da cultura: como dispositivo político e simbólico voltado à preservação da identidade, e como dispositivo econômico contemporâneo voltado para fins desenvolvimentistas - ora associado ao turismo, ora à modernização/progresso da região (Idem).

Mas o papel desse especialista dedicado a trabalhar, no museu, *para* ou *sobre* o desenvolvimento da América Latina acabava por enfrentar dificuldades proporcionadas pelo próprio desenvolvimento - ou subdesenvolvimento -, dificuldades essas diagnosticadas pelos participantes ao longo dos debates realizados pela Mesa Redonda de Santiago do Chile. As questões levantadas durante os debates giraram em torno dos seguintes aspectos: falta de recursos financeiros; ausência de investimento público em instalações, em cursos de formação, e em mecanismos de cooperação entre universidades e instituições do Estado; ausência de museus de ciência e tecnologia; entre outros. Esse quadro teria produzido uma frustração entre os jovens especialistas, ocasionando um fenômeno comum aos países latino-americanos: a evasão de cérebros. Os museus, que deveriam trabalhar com especialistas, acabariam por enfrentar a carência de mão-de-obra especializada como resultado do efeito do subdesenvolvimento latino-americano.

As discussões assumiram a perspectiva de que “o desenvolvimento tecnológico na América Latina seguiu um curso muito tortuoso” (IBRAM, 2012a: 131) e que uma das principais causas desse fenômeno foi a falta de museus de ciência e tecnologia. Tais diagnósticos seguiram da constatação de que a principal preocupação dos países latino-americanos deveria ser a de despertar o interesse e estimular a curiosidade científica, e, ao mesmo tempo, “poderiam ajudar a conscientizar a comunidade da necessidade de orientar atividades humanas no sentido de não perturbar o equilíbrio ecológico da biosfera, problema que está atraindo a atenção de todos os países atualmente” (Idem).

E assim, em 1984, Hugues de Varine conclui sobre o evento que “a museologia se encontra com o mundo moderno” (IBRAM, 2012a: 142), reafirmando uma espécie de compromisso da área com o modelo de desenvolvimento que atravessaria a realidade dos museus¹². Posteriormente, numa perspectiva contemporânea à publicação do Ibram de 2012, o autor reifica tal perspectiva, ao afirmar que “a noção de museu como ferramenta de desenvolvimento, desconhecida antes de 1972, agora é amplamente formulada e admitida” (IBRAM,

11 Sobre o tema da expansão do trabalho científico a partir da separação dos domínios do saber em disciplinas voltadas para a fragmentação do conhecimento em especializações, desde o século XIX, ver: Minayo (1994), Japiassu (1976), Morin (1977), Gusdorf (1983).

12 Cabe destacar que Varine novamente retoma a discussão sobre esse compromisso na obra *As raízes do futuro - o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*, publicado no Brasil em 2013. Neste trabalho o autor menciona a ideia de “desenvolvimento sustentável” para se referir a um processo de desenvolvimento que se faça em harmonia com o patrimônio e com participação efetiva e consciente da comunidade.

A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina:
o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral

2012a: 144). Esse quadro de posições discursivas permite interpretar a tentativa de conciliação entre desenvolvimentismo e justiça social - considerando um dever de sustentabilidade sobre as mudanças promovidas nos territórios urbanos e rurais.

À caráter de contraposição, importa mencionar a perspectiva sobre a Mesa de Santiago desenvolvida por Glauber Lima (2014), que reflete sobre discursos e práticas museológicas contemporâneas inspiradas na Mesa, mobilizadas a acionar uma identidade institucional associada a propósitos desenvolvimentistas, ainda que sob um imperativo de transformação institucional para a inclusão social. De acordo com o autor, essa relação paradoxal entre “ordem” e “transformação” reforçaria um modelo de Modernidade marcado pela reprodução das contradições sociais em meio às relações entre mercado, Estado e sociedade. Lima considera que as ideias debatidas ao longo da Mesa Redonda de Santiago do Chile não estariam alheias à pauta dos movimentos sociais, mas pontua que as mesmas não estavam, tampouco, desconectadas às teorias desenvolvimentistas elaboradas desde a década de 1950 por organismos como a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe das Nações Unidas (Cepal).

O tema do desenvolvimento da América Latina orbitou em grande medida no pensamento social brasileiro – à exemplo de Celso Furtado, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré e Bresser Pereira, entre outros –, e ecoou em debates que envolveram diferentes instituições, tais como a escola de São Paulo (Universidade de São Paulo - USP), a escola de Brasília (Universidade de Brasília – UnB), a então Universidade do Brasil¹³ e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Este último, em especial, esteve entre os centros de pesquisa criados a partir da década de 1940 que reuniam pesquisadores em Economia, Sociologia, Antropologia, entre outras disciplinas, dedicados a pensar o papel do Brasil no capitalismo global a partir do nacional-desenvolvimentismo. Tratavam-se de estudos político-sociais desenvolvidos a partir da aplicação de categorias e dados das Ciências Sociais para a compreensão crítica da realidade brasileira (Wasserman, 2017).

No âmbito das políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil, a década de 1970 - período de realização da Mesa de Santiago - é igualmente marcada por uma articulação entre patrimônio e nacional-desenvolvimentismo. Essa foi a tônica de algumas discussões travadas no I e II Encontro dos Governadores – Compromisso de Brasília, em 1970, e Compromisso de Salvador, em 1971. O evento registra o fortalecimento da articulação entre a proteção de bens culturais das cidades e o desenvolvimento econômico e urbano, voltando-se ao interesse de indústrias, do comércio, e de políticas para a geração de emprego e renda num sentido de “progresso”. Ao se alinhar às diretrizes urbanísticas, a preservação se tornava uma estratégia sustentável, e o técnico do patrimônio, o especialista, seria aquele agente capaz – e com legitimidade – de estabelecer essa nova relação com a Modernidade a partir de universidades, institutos de pesquisa e laboratórios e os serviços de proteção (Souza, 2018a).

Aqui caberia perguntar qual teria sido o papel do conhecimento especializado - no âmbito dos museus e das políticas de patrimônio - nesse processo de exploração de recursos humanos e naturais na América Latina? Importa citar novamente Mário Teruggi em sua declaração publicada na Revista *Museum*, a respeito do papel do especialista na promoção do desenvolvimento latino-americano. Para ele, todo esse processo precisaria estar afinado a uma política

13 Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

que mobilizasse recursos e métodos da ciência e tecnologia, capacitando cientistas e tecnólogos locais e ao mesmo tempo revertendo o quadro de evasão de cérebros no sentido de superar aquilo que Teruggi denomina de “atraso”:

Naturalmente, a conscientização da importância da ciência e tecnologia para o desenvolvimento da humanidade visa, em última análise, promover a formação dos especialistas necessários para permitir que os países saiam do lamaçal do subdesenvolvimento. Para que isso aconteça, é fundamental e decisivo, repetimos, que os cientistas e tecnólogos sejam nativos, não somente porque, presume-se, terão um maior incentivo patriótico, mas porque a contratação de especialistas estrangeiros é simplesmente um estágio ou um paliativo e nunca uma solução. (IBRAM, 2012b: 178)

O trecho acima sugere uma preocupação de Teruggi com o nacional-desenvolvimentismo, um fortalecimento dos países frente a um predomínio da importação de tecnologia e conhecimento oriundo de países que considerava desenvolvidos.

Como contraponto, parece fundamental, portanto, contextualizar a singularidade da região latino-americana, com suas especificidades territoriais e experiências políticas, culturais e econômicas materializadas em específicos engajamentos na temática da terra, da agricultura e do urbanismo latino-americano - eixos que compuseram a agenda de trabalhos da Mesa Redonda de Santiago. Nesse sentido, é possível pensar nas resoluções do evento, em especial no modelo conceitual do Museu Integral, como algo gestado a partir de pensamentos e reflexões sobre uma América Latina envolvida em experiências de resistência e re-existência à Modernidade. Trata-se de pensar o evento e suas resoluções em seu sentido de *potência*: aquilo que poderia ter inspirado e orientado ou poderia vir a inspirar e orientar numa região de imensa diversidade de saberes e práticas atravessadas pela experiência moderna de herança colonial, num contexto em que orbitavam ideias e pensamentos anticoloniais, pós-coloniais e decoloniais.

Sob tal aspecto, é possível pensar o Museu Integral como uma proposta inovadora, sobretudo por sua referência e inspiração inicialmente projetada à figura de Paulo Freire, elemento que vem a se tornar um marco na Museologia a partir dos anos 1970, na medida em que produções acadêmicas e políticas passam a colocar em perspectiva operações do campo dos museus a partir da “conscientização” da transformação do homem-objeto em homem-sujeito (Alves & Reis, 2013) - aquele capaz de construir sentidos e subjetividades a partir de discursos formulados e comunicados em museus.

Merece atenção a própria contraposição entre o termo Museu Integral e o termo Ecomuseu¹⁴. De toda forma, o Ecomuseu parece ter semelhanças significativas com a ideia de Museu Integral, se pensarmos o patrimônio global de uma comunidade ou território, conforme destacam Alves e Reis (2013). Ambos não possuiriam modelos de atuação ou regras, mas estariam fundamentalmente conectados à comunidade. Contudo, foi o termo Ecomuseu que passou a vingar internacionalmente na Museologia, em sobreposição ao termo Museu Integral, como discorre posteriormente, em tom de lamento, o próprio Hugues de Varine numa constatação sobre o que ele interpretava como etnocentrismo do campo (IBRAM, 2012a).

Tal situação nos permite pensar motivos possíveis para que o termo e o modelo conceitual do Museu Integral não tenham vingado na história do campo

14 Sobre o tema, ver Souza (2020) e Scheiner (2012).

A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina:
o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral

museal. Considerando a relação de dominação pela via da autoridade da linguagem - também como dimensão constitutiva do colonialismo - palavras, termos e expressões traduzem dinâmicas de um mercado linguístico forjado por interlocuções (im)possíveis. Tal reflexão pode tomar como referência o trabalho de Gayatri Spivak (2010) na sua percepção sobre o agenciamento do sujeito subalterno e a prática discursiva intelectual em sua condição intrinsecamente etnocêntrica. À título de provocação, então, caberia perguntar se seria possível, portanto, à(s) Museologia(s) latino-americana(s) falar(em)?

Por outro lado, importa refletir sobre a potência de um museu pensado a partir da América Latina em suas relações políticas e culturais, atravessado por ideias e experiências sociais diversas, como movimentos sociais de luta no campo e por moradia, os movimentos eclesiais de base, os coletivos dedicados aos direitos humanos e às buscas por desaparecidos políticos, a guerrilha do Araguaia, a Teologia da Libertação, as resistências indígenas, enfim, de uma série infundável de experiências sociais que se firmam como estratégias de resistência e re-existência à Modernidade (Souza, 2018a; 2020). Esse museu, se pensado a partir de um “giro epistêmico”¹⁵, nos permitiria assumir uma perspectiva relacional, considerando a possibilidade de o museu ser o território em sua totalidade - com ativamentos e capilaridades políticas e culturais.

Aqui recorre-se à multiplicidade de experiências e saberes latino-americanos de diferentes matizes, os quais encaram o território na indissociabilidade sujeito-ambiente. É possível citar outros giros epistêmicos a partir de trabalhos desenvolvidos por Luiz Rufino (2019) e Luiz Antônio Simas (2018) sobre os povos de terreiro; os trabalhos de Ailton Krenak (2019) a partir da cosmovisão krenak; o paradigma do *Buen Vivir*, comentado por Alberto Acosta (2008), a partir de uma visão holista e integradora do ser humano e o ambiente em comunhão entre a Pachamama e o universo; a relação entre sujeito e ambiente por parte dos povos de floresta narrada por Davi Kopenawa (2015) num manifesto xamânico yanomami; ou então os trabalhos e militância de Sílvia Cusicanqui (1997) que se contrapõem ao modelo capitalista e patriarcal de exploração de povos indígenas bolivianos; entre outros e outras.

Sendo assim, à luz destas referências, o “Museu Integral” pode ser pensado no âmbito do enfrentamento e resistência à colonialidade - esta encarada como responsável por problemas estruturais de ordem política, econômica e social. Nessa perspectiva epistêmica, os museus poderiam ser uma poderosa ferramenta moderna apropriada para a crítica às noções de “progresso” e “desenvolvimento” largamente operacionalizadas na Mesa de Santiago.

Sendo assim, também é possível pensar ou projetar, a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile, a criação de um modelo conceitual de museu que não se alinhasse à dinâmica de progresso pela via da exploração de recursos naturais, exploração do trabalho, concentração de terras, urbanização desordenada, entre outros - elementos elencados e comentados na transcrição das conferências e nos artigos da Revista Museum como parte da experiência latino-americana.

¹⁵ Recorre-se aqui a uma analogia à expressão “Giro Decolonial”, a qual designou uma mobilização acadêmica - e política - a partir de uma rede de pesquisadoras e pesquisadores latino-americanos chamada Modernidade/Colonialidade no final do século XX e início do século XXI. Esse conjunto diversificado de intelectuais se reuniram em torno da ideia de colonialidade desenvolvida por Aníbal Quijano (Ballestrin, 2013). O conceito de colonialidade, por sua vez, refere-se a um padrão mundial de poder inaugurado com o fenômeno da Modernidade a partir da colonização da América.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar a possível ambiguidade a respeito do papel atribuído aos museus pela Mesa Redonda de Santiago do Chile a partir de interpretações dos documentos do evento e textos redigidos por participantes e publicados na Revista *Museum* de 1973. O centro da reflexão foi a relação da ciência e tecnologia com o desenvolvimento econômico, político e social da América Latina a partir de discursos proferidos por profissionais de museus e pesquisadores de diversas áreas presentes na Mesa Redonda de Santiago, considerando a particularidade do contexto de realização do evento num Chile governado por Salvador Allende.

Os debates realizados naquele momento consideraram o papel dos museus no processo de desenvolvimento da região, elencando estratégias para incentivar este referido movimento ou para conscientizar as populações sobre suas consequências negativas. Se considerarmos a conjuntura da Mesa, é possível considerar a potência de transformação evocada através de um novo modelo conceitual de museu pensado naquela ocasião: o Museu Integral. Tomando a pluralidade de territórios, a imensa diversidade de saberes e práticas e as diversas experiências de movimentos indígenas, movimentos sindicais, brigadas camponesas, marchas de mulheres, associação de moradores, movimentos eclesiais de base, movimentos seringueiros, entre outros, podemos imaginar - num livre exercício de reflexão - que o Museu Integral anunciava tão somente aquilo que poderia ter sido e poderia vir a ser o museu: uma ferramenta de enfrentamento e resistência à colonialidade pensado a partir da América Latina.

Por outro lado, os documentos mostram um expressivo esforço de alguns participantes em associar os museus ao processo de desenvolvimento através da ciência e tecnologia. Nesse sentido, os museus de ciências aparecem como um importante elemento daquilo que se considerava uma estratégia de superação do subdesenvolvimento em reforço a um modelo desenvolvimentista menos subordinado a outros países e mais nacionalista. É então a partir do tema “os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico” que o debate a respeito do Museu Integral parece se esgarçar, manifestando limites e fronteiras que evocavam a reificação de dinâmicas de um museu tradicional - ainda que lhe fosse cobrada uma maior interação com a realidade social, política e econômica das comunidades.

Há quem interprete que o compromisso da Mesa de Santiago com a transformação social tenha sido expressivo a ponto de se desdobrar em movimentos internacionais, iniciativas e ideias que mudaram o rumo da Museologia em diferentes países. Há ainda que se destacar que a figura de Paulo Freire permanece referência simbólica para muitos pesquisadores e pesquisadoras que compreendem seu nome e sua obra como inspiração discursiva e política para o evento, dando a tônica da reflexão sobre os museus da região a partir da realidade latino-americana, num esforço de não importar modelos de atuação eurocêntricos. Nessa perspectiva, não apenas merece destaque o protagonismo latino-americano na composição dos espaços de debates na Mesa, mas a própria natureza das sugestões elencadas - atravessadas por experiências políticas - de movimentos sociais - e culturais de um contexto singular - de ditaduras civis-militares.

O que se pode concluir, portanto, é que os documentos sobre a Mesa Redonda de Santiago por hora consultados sugerem papéis ambíguos aos museus naquilo que se refere a um tema caro à América Latina naquela ocasião:

A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina:
o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral

o desenvolvimentismo. Sem respostas e posicionamentos unívocos sobre tal questão, importa considerar que, por se tratar de um evento internacional, com participantes oriundos de realidades distintas - ainda que marcadas por problemas e demandas estruturais semelhantes, relacionadas diretamente aos processos de violência colonial - os consensos precisariam ser negociados ou forjados. Nesse sentido, podemos perceber nos documentos consultados a referência a sentidos distintos sobre o papel dos museus. A ambiguidade apontada pelo presente texto, contudo, não tem como pretensão diminuir a importância simbólica deste evento para a região e para a Museologia de maneira global. Longe disso: revela a complexidade da Mesa que materializa a rica diversidade de experiências, de resistências e re-existências latino-americanas no âmbito dos museus, sob o esforço de esgarçar as heranças coloniais e de não importar modelos eurocêntricos de atuação e pensamento.

Referências

- ACOSTA, A. El buen vivir, una oportunidad por construir. *Revista Ecuador Debate*, 75, 2008, p.33-48.
- AGGIO, Alberto. O Chile de Allende: entre a derrota e o fracasso. FICO, Carlos. et al. (org.) *Ditadura e Democracia na América Latina*. Balanço histórico e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ALVES, Vânia Maria Siqueira & REIS, Maria Amélia Gomes de Souza Reis. Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, vol. 6 no 1, 2013.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BALLESTRIN, Luciana. América do Sul e o Giro Decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.
- _____. Modernidade/Colonialidade sem Imperialidade?. In: SANTOS, André Leonardo Copetti; LUCAS, Douglas Cesar; BRAGATO, Fernanda Frizzo (Org.). *Pós-colonialismo, pensamento decolonial e direitos humanos na América Latina*. Santo Ângelo: FuRI, 2014a.
- _____. Imperialismo como Imperialidade: o elo perdido do giro decolonial. In: *Anais do 38º Encontro Anual da Anpocs*, 2014, Caxambu, MG, 2014b.
- CANDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 2003, v. 20 n. 20.
- CHAGAS, Mário. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 5, 1996, pp. 5 -11.
- CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Museologia e Patrimônio*, 2013, Vol. 6, n. 2, pp. 99-117.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas*. Argentina: Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005, p.24-32.
- FURTADO, Janaína Lacerda. Usos Políticos da Ciência: os objetos de C&T do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas da coleção do MAST. Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C & T. *Anais do 4º Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C & T*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e

Ciências Afins, 2016.

GUSDORF, Georges. Present, passé avenir de la recherche interdisciplinaire. In: *l'Organisation des Nations Unies. Interdisciplinarité et sciences humaines*. França: Unesco, 1983, pp.31-50.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus & Programa Ibermuseus. *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos em el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile*, 1972. Nascimento Junior, José do; Trampe, Alan; Santos, Paula Assunção dos (orgs). Brasília: Ministério da Cultura, Ibermuseus, 2012a.

_____. *Revista Museum*, 1973. Nascimento Junior, José do; Trampe, Alan; Santos, Paula Assunção dos (orgs). Brasília: Ministério da Cultura, Ibermuseus, 2012b.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do Céu - palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas*. Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, pp.8-23, 2005.

LIMA, Glauber G. F. Museus, Desenvolvimento e Emancipação: O Paradoxo do Discurso Emancipatório e Desenvolvimentista na (Nova) Museologia. *Museologia e Patrimônio*, v. 7, , 2015, pp. 60-84.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial e o significado de Identidade em Política. *Cadernos de Letras da UFF, Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niteroi, n.34, 2008, pp.287-324.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia?. *Revista Saúde Soc.*, São Paulo, v.3, n.2, 1994, pp.42-63.

MORIN, Edgard. *O Methodo: I - A Natureza da Natureza*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1977.

MOUTINHO, Mário Canova. *Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta para reflexão*. *Revista Cadernos do Ceom*, 2015, pp. 423-427.

_____. Sobre o conceito de museologia social. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, I. Lisboa: ULHT, 1993.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas*. Argentina: Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005.

QUIJANO, Anibal. *Modernidad, Identidad y utopia en América do Sul*. Lima: Sociedad & Política Ediciones, 1988.

RANGEL, Márcio Ferreira. A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins. *Musas (IPHAN)*, v. 5, 2011, pp. 122-129.

SANTOS, Boaventura. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, pp.73-119.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SCHEINER, T. C. M. (2012). Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, 15-30.

A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina:

o papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral

SILVA, Jerônimo da Silva e; MOREIRA, Edma S.. Sob a Fronteira. *Confronteiras*, v. I, pp.01-11, 2017.

SOUZA, Luciana C. *Patrimônio e Colonialidade - A preservação do patrimônio mineiro numa crítica decolonial*. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2018a.

_____. Pensar os museus numa perspectiva latino-americana: a atualidade da Mesa Redonda de Santiago do Chile. In: Bruno Brulon Soares; Karen Brown; Olga Nazor. (Org.). *Definir os museus do século XXI: experiências plurais*. s/ned.Paris: ICOM/ICOFOM, 2018b, pp. 134-139.

_____. Museu Integral, Museu Integrado: A especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile. *Anais do Museu Paulista*, v. 28, 2020.

SPIVAK, Gayatri C.. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VALENTE, Maria Esther Alvarez Valente. Museus de Ciência e Tecnologia no Brasil: uma “Reunião de Família” na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro, 2009, pp. 73-86.

VARINE, Hugues de. A Respeito da Mesa de Santiago. In: MATTOS, Marcelo & BRUNO, Cristina (orgs.). *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo: documentos e depoimentos*. São Paulo: ICOM Brasil, 1995.

_____. *As raízes do futuro - o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto alegre: Medianiz, 2013.

WASSERMAN, Cláudia. *A Teoria da Dependência: do nacional desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.